

A CULTURA DO CORPO MUTANTE

Edvaldo Souza Couto

UFBA - edvaldo@ufba.br

RESUMO: A mutabilidade progressiva cada vez mais condiciona e metamorfosea todos os aspectos da nossa vida, sobretudo o nosso corpo. Este ensaio discute a condição espetacular do corpo na sociedade contemporânea. Enfatiza que o culto ao corpo está intimamente vinculado ao desejo de modificá-lo. Ressalta que a modificação corporal é parte integrante do processo de mudanças que as chamadas novas tecnologias promovem na sociedade e nos sujeitos. Defende a idéia de que a carne se tornou, nas mãos de cirurgiões, cientistas e profissionais diversos a matéria destinada a contínuas remodelagens e conclui que no capitalismo avançado o corpo, refabricado, mutante, e socialmente considerado mais eficiente, tornou-se o principal objeto de consumo.

Palavras-chave: Estética. Corpo. Cultura.

O corpo humano só é corpo na medida em que traz em si mesmo o inacabado, isto é, promessa permanente de autocriação, e é isto que faz dele um enigma que a tecnociência pretende negar.

Adauto Novaes

É próprio da vida atual a convivência com a incerteza, o fluído, a escolha provisória e limitada. Se “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, se nada mais permanece, cada sujeito se quer autônomo para construir a sua liberdade, o seu ambiente pessoal. Nesse contexto, a metamorfose passa a ser a regra. Nenhuma forma é obtida. O que há é rascunho, traços soltos, experimentos, sombras, indefinições.

Isto não significa que todos os nossos referenciais desapareceram. Mas eles não cessam de ser reelaborados sideralmente, em velocidade sem precedentes. Daí que se fala tanto em pluralidade, costumes e hábitos dissolutos. Vínculos quebrados, identidades



híbridas, cada vez mais ambíguas. Se nada mais é estável, é preciso estar em movimento. No passado, estar em movimento era um privilégio, uma conquista. Hoje, é uma necessidade, uma aventura pessoal, um novo meio e modo de vida.

O movimento veloz e contínuo faz o indivíduo experimentar e exercitar outros valores: tudo deve estar pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea. O convite é para que cada um se renda aos impulsos, passe a se beneficiar com tudo aquilo que é transitório, passageiro, fugaz. Nada mais de esforços prolongados, receitas testadas, garantias e seguros. Se tudo é aventura, só nos resta enfrentar os riscos, deliberados ou precariamente calculados.

A mutabilidade progressiva cada vez mais condiciona e metamorfosea todos os aspectos da nossa vida, sobretudo o nosso corpo. Este ensaio discute a condição espetacular do corpo na sociedade contemporânea. Enfatiza que o culto ao corpo está intimamente vinculado ao desejo de modificá-lo. Ressalta que a modificação corporal é parte integrante do processo de mudanças que as chamadas novas tecnologias promovem na sociedade e nos sujeitos. Defende a idéia de que a carne se tornou, nas mãos de cirurgiões, cientistas e profissionais diversos a matéria destinada a contínuas remodelagens e conclui que no capitalismo avançado o corpo, refabricado, mutante, e socialmente considerado mais eficiente, tornou-se o principal objeto de consumo.

O corpo-espetáculo e a juventude (quase) eterna

Um dos grandes temas do século XXI é a incidência das tecnologias sobre o corpo humano. Em toda parte multiplicam-se os discursos e as técnicas para a liberação do corpo de antigos vínculos religiosos, filosóficos, geográficos, temporais, morais, pedagógicos. Nas últimas décadas, por intermédio do projeto genoma, a tentativa científica é tornar o corpo de cada pessoa livre do patrimônio cultural e genético.

Tornou-se urgente eliminar toda e qualquer insatisfação física e mental, acabar com uma real ou suposta imperfeição, corrigir cada detalhe, construir a forma considerada mais adequada, prevenir uma embrionária possibilidade de doença, alterar características que nos desagradam, manter o vigor da juventude, exibir a aparência mais saudável, festejar a



beleza conquistada com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos: regimes, terapias, cosméticos, cirurgias, uso de próteses, novos medicamentos, manipulação genética. Em meio a tantos recursos para a remodelagem só é feio, fora de forma, flácido, enrugado e envelhecido quem quer, quem não se ama, não se cuida, não se pavoneia. O culto ao corpo se tornou um estilo de vida, mas de uma vida tecnocientífica. A promessa fascinante de um ganho suplementar de saúde, juventude e beleza conquistou um espaço inédito nos meios científicos e artísticos, na mídia, em todas as esferas do nosso cotidiano.

Esse corpo inacabado, considerado como um objeto sempre disponível a reformas, deve aumentar os seus níveis performáticos e padrões de eficiências. Para vencer os perigos crescentes de tornar-se obsoleto, ultrapassado ou inadequado, o corpo deve ser continuamente turbinado para acompanhar a sofisticação das máquinas, atender as novas demandas de prazer e liberdade próprios da atualidade.

Em todo momento somos bombardeados com notícias, em veículos diversos, que incentivam a reforma corporal completa, a vida feliz e a longevidade. A corrida por uma vida saudável e longa começa na maternidade. Já aí o corpo inicia a sua trajetória mutante, um processo ininterrupto de aperfeiçoamento técnico, para tornar-se progressivamente espetacular e, certamente, eficiente. Aumenta sem cessar o número de casos em que o sangue do cordão umbilical é congelado em diversos locais do mundo. Acredita-se que essas crianças, desde cedo protegidas e supervisionadas pelas técnicas, poderão ser salvas de uma série de sofrimentos e doenças que assombram a humanidade, como a leucemia, e, claro, conseguirão viver muito mais. Num futuro próximo, cientistas dizem que a batalha pela vida começará antes mesmo da concepção. Desejam poder destrinchar o papel dos genes do envelhecimento, manipulá-los em laboratório e programar as pessoas para a vida longa.

O corpo espetacular precisa dar adeus a morte, afinal, descobrir o que fazer para não morrer cedo, dominar o processo do envelhecimento, é um sonho das ciências. Mas é, especialmente, um sonho de todos nós. Atualmente existe uma verdadeira obsessão contra o envelhecimento e a morte. Aposta-se cada vez mais em qualquer promessa que prolongue a juventude e adie, indefinidamente, a morte, esse mal que deve obrigatoriamente ser sempre



postergado. Basta lembrar que no começo do século passado a expectativa média de vida girava em torno de 33 anos e hoje está na marca dos 70. Em alguns países, como no Japão, ultrapassa a barreira dos 80.

É verdade que mesmo com a ciência empenhada em prolongar a vida, envelhecer ainda é inevitável. Por enquanto, não existe nenhum método comercializado capaz de reverter o envelhecimento. Esse “ainda” aqui é fundamental, pois o que separa a realidade do sonho é um mero lapso de tempo. Se o envelhecer parece uma condição irrefutável, é inegável também a existência de muitos métodos amplamente comercializados, variadas drogas e cirurgias plásticas que prometem prolongar a juventude, o vigor físico. O que se diz agora é que o mal do envelhecimento ainda não foi de todo superado, mas seu efeito não precisa ser devastador. E não cessa de crescer o investimento numa vida supostamente mais saudável, com recomendações médicas para que cada pessoa se torne vigilante em tempo integral do próprio corpo, detecte suas ameaças e sinais, ajude no diagnóstico precoce das doenças, siga corretamente os tratamentos prescritos, modifique a sua aparência, pratique atividades físicas, busque uma alimentação mais adequada e balanceada, não fique muito estressado, etc.

Por trás de todas essas recomendações o que se encontra é o discurso, amplamente divulgado, de que o corpo precisa ser glamourizado. Num passado recente, muitos acreditavam que esse processo de espetacularização corporal era próprio da moda e da publicidade. Tratava-se de um modo peculiar de produzir e incrementar a aparência. No presente, sabe-se que a produção do corpo não se limita a superfície da pele. É no interior do corpo que ela se concentra e acontece graças aos avanços da robótica e da biotecnologia, que oferecem novas esperanças, concretizam desejos e anunciam outras conquistas irresistíveis.

A esperança ciborgue e as novas eficiências corporais

A todo instante ouvimos falar de uma experiência bem sucedida com implantes artificiais. As peças de reposição se multiplicam: mãos, braços, pés, pernas, olhos, ouvidos eletrônicos devolvem movimentos e sensações a deficientes e vítimas de acidentes. De um



lado, essas peças visam recompor o corpo por meio das próteses, devolver a inteireza orgânica perdida por intermédio de doenças ou acidentes. De outro lado, essas peças também visam aperfeiçoar membros e órgãos, dinamizar, acelerar, desenvolver novas potências e performances corporais, garantir novas eficiências.

O sonho e o uso de próteses para aumentarem a potência física também é antigo. Das asas de ceras de Ícaro à perna de pau, da mão do Capitão Gancho às batidas eletrônicas de um coração artificial, eficiente e seguro, ou a uma possível vacina anticâncer, temos uma longa história que atravessa diferentes culturas.

O desejo de usar das tecnologias para fabricar um homem biônico e, mais recentemente, eletrônico, mais forte e mais rápido, encontrou grande divulgação em séries televisivas, dos anos 1970, como *Cyborg: o homem de seis milhões de dólares* e *A mulher biônica*. Nos muitos episódios dessas séries, ainda em exibição em canais pagos, o fascínio está na potência corporal, nos superpoderes que os implantes dão aos indivíduos. Isto significa que após o acidente aéreo que vitimou o personagem Steve Austin, com perda de um olho, um braço e as pernas, seu corpo foi reconstruído por meio da tecnologia desenvolvida em um projeto ultra-secreto, que implantou próteses artificiais. O sucesso das cirurgias esteve não apenas no fato de resgatar os movimentos e a visão, mas em dá-lhe superpoderes, como força e velocidade sobre-humanas e olhos capazes de enxergar a quilômetros de distância. Além dessas qualidades, *A mulher biônica*, tinha ouvidos extraordinários. Esses suplementos de resistência, precisão e vigor estiveram no imaginário de toda uma geração antes mesmos que os mais jovens fossem seduzidos por filmes como *RoboCop*, *O exterminador do futuro*, *Matrix* e *Inteligência Artificial*.

Desde os anos 1950 que a experiência de mixar corpo e tecnologias vem se deslocando da ficção para o cotidiano das pessoas. Do marca-passo aos chips e condutores elétricos que emitem sinais nervosos do cérebro para os órgãos, diversas próteses são instaladas no corpo para superar deficiências, curar doenças, realçar aspectos da beleza, favorecer a juventude, revitalizar o desempenho corporal. Passou a ser inegável a progressiva construção do modelo ciborgue, misto de organismo e cibernética, emblema inspirador das novas configurações humanas (Couto, 2000, p. 20).



Em todo o mundo existem centenas de cientistas pesquisando tecnologias para que seres humanos recuperem sentidos ou movimentos, superem limitações e ampliem capacidades físicas e mentais. A idéia é que o corpo da máquina e o corpo do homem se integrem numa nova realidade, que a tecnociência promova intensas con-fusões corporais entre o orgânico e o inorgânico, o natural e o artifício. Com isto, é cada vez maior a compreensão de que o corpo se tornou o lugar por excelência das tecnologias de ponta e o destino certo das máquinas.

A introdução crescente de nanoobjetos na estrutura física possibilita o viés ideal para fazer com que as máquinas integram ou substituam órgãos, colonizem as nossas vísceras, a nossa intra-estrutura. A intrusão intraorgânica da técnica e de suas micromáquinas no seio do que vive, como escreve Virilio (1996, pp. 91-92), promovem a última das revoluções, a dos transplantes-implantes, com o poder de povoar e de alimentar o corpo vital com técnicas estimulantes. As máquinas passam a ser artefatos protéticos, às vezes celulares, componentes íntimos, partes amigáveis de nós mesmos.

Com os nanoobjetos, a proeza interativa da miniaturização biotecnológica, as promessas de um corpo mais eficiente são muito sedutoras. Em breve, micromotores implantados no corpo serão capazes de substituir o funcionamento defeituoso deste ou daquele órgão e, mais importante, de melhorar, mesmo para uma pessoa de saúde supostamente perfeita, os processos vitais de um determinado sistema fisiológico. É nesse sentido que Virilio (2000, pp. 78-93) escreve que estamos no começo de uma época em que a alimentação natural está sendo substituída pela alimentação tecnológica. O corpo vivo tende a ser cada vez mais abastecido por microprocessadores; implantes e estimulantes praticamente biodegradáveis, máquinas-micróbios, autômatos celulares, capazes de melhorar algumas das nossas faculdades.

Essa condição do corpo mixado com as máquinas é visto por cientistas como Kevin Warnick (1995) como o modo por excelência da nossa evolução tecnológica. Ele acredita que após a evolução natural estamos na era da evolução técnica. O professor de cibernética da universidade de Reading, na Inglaterra, desenvolve pesquisas sobre as interações entre o sistema nervoso humano e os sistemas computadorizados. Em 2002 implantou um



microcomputador no braço e teve toda a sua movimentação no campus universitário monitorada. Declarou que nasceu humano por acidente, mas seu objetivo é tornar-se num ciborgue, pois deseja colocar o melhor da inteligência mecânica no seu corpo. Ele acredita que não há mais sentido em permanecer meramente humano. O cientista defende a idéia de que como ciborgue nossas capacidades humanas evoluirão tecnologicamente, serão ampliadas, poderemos ter mais possibilidades de memória ou de processamento de informações, capacidade extra-sensorial, habilidade de nos comunicar ou operar máquinas apenas com o pensamento. Num mundo progressivamente dominado por máquinas mais inteligentes que humanos, se quisermos competir não podemos nos colocar contra nem em grau de inferioridade aos objetos técnicos. Precisamos estar intimamente unidos às máquinas. Essa união completa se realiza no corpo ciborgue, o novo *upgrade* da espécie humana (Couto, 2001, p. 86).

Esse hibridismo entre carne e técnica enfatiza que a fabricação de biomateriais, seus terminais nervosos e musculares, ao associar ciências biológicas, informática e robótica, desenha um novo mundo de sentidos, uma outra definição esperançosa da nossa humanidade que precisa ir além dos seus limites e tradicionais configurações. Esse corpo ampliado pelas próteses biotecnológicas intui e desenha a nossa superhumanidade, aquilo que Sibilía (2002) chama de o homem pós-orgânico e Santaella (2003) de pós-humano.

A robótica e a engenharia genética não trabalham separadas. Seus produtos e técnicas são complementares. Com elas, a verdadeira questão não é mais a produção do homem artificial, mas a produção artificial do homem.

A engenharia de tecidos e as novas mutações corporais

Essa produção artificial do homem vai além de qualquer ficção, literária e cinematográfica, que populariza a idéia de uma fabrica de órgãos para que num futuro próximo se possa comprar uma peça de reposição: por exemplo, substituir um fígado estragado. Esse imaginário não é próprio apenas de Hollywood, mas de laboratórios respeitados em diversas universidades que apostam na engenharia de tecidos. Esse campo do conhecimento define estudos multidisciplinares, desde o final dos anos 1980, que



abarcam principalmente a engenharia de materiais e ciências biomédicas. Imagina-se que em poucos anos fígados, rins, pulmões e corações possam ser adquiridos com certificados de garantia e funcionando perfeitamente. Basta que a técnica, a partir do cultivo de células, possa construir ou restaurar tecidos e órgãos de animais e seres humanos. Assim, os sujeitos não seriam reproduzidos integralmente, como promete a clonagem, mas em partes.

Sáímos definitivamente do domínio da pele e entramos nas profundezas do corpo. Não adianta ter uma pele lisa e bem hidratada se por dentro os órgãos não funcionam mais como se gostaria, estão cansados, envelhecidos. Os cuidados com a revitalização da aparência não são separados dos cuidados com tudo aquilo que dentro do corpo vive protegido pela pele. É esse ambiente interno do corpo que não cessa de ser cutucado, revelado e modificado, por meio de cirurgias, implantes e transplantes e vive o começo de novas revoluções com a engenharia de tecidos.

Na atualidade, a matéria prima desses engenheiros muitas vezes são as células-tronco, presentes na medula e, em menor escala, na corrente sanguínea, que têm a capacidade de se transformarem em qualquer tecido. Os governos de diversos países discutem a liberação de pesquisas com as células-tronco. No Brasil, no começo de 2005, o congresso aprovou uma lei que regula e incentiva tais estudos. Com a aprovação dessa lei, os ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia liberaram 11 milhões de reais para pesquisas (Folha de S. Paulo, 22/04/2005, C3). A comunidade médica e a população em geral vivem dias de esperança com os anúncios de que esses estudos podem encontrar meios corretos para a cura de várias doenças, incluindo a diabetes e variados tipos de câncer, além de ampliar os desempenhos corporais.

A descoberta das células-tronco é bem recente, mas, como já foi dito, a idéia de repor partes disfuncionais ou avariadas existe desde a antiguidade, embora o transplante mesmo, considerado bem-sucedido, tenha começado tão somente há meio século. Da metade do século passado pra cá não cessa de aumentar o número de cirurgias para trocar órgãos defeituosos por outros com bom desempenho: coração, fígado, córneas, pulmão, sangue artificial, etc. Embora a técnica de transplante de órgãos tenha contribuído para



salvar a vida de muita gente a técnica não é perfeita, e médicos e pacientes tiveram que lidar com o pequeno número de doadores e, principalmente, com a rejeição.

Agora, com tecidos e órgãos do próprio paciente, a medicina vai dispor de várias possibilidades para recompor uma parte perdida ou defeituosa, sem problemas com doações e, o mais importante, sem risco de rejeição. Afinal, esse é o principal objetivo da engenharia de tecidos: criar implantes que tenham o mesmo material genético do organismo receptor. As células-tronco, que podem se transformar em qualquer outra célula, dividem-se em dois tipos: embrionárias (encontradas em embriões humanos com até cerca de cinco dias após a fecundação) e adultas, que têm menor capacidade de formar tecidos.

Cirurgias com o uso de células-tronco começam a ser realizadas no país com resultados estusiasmantes. Um jovem foi operado em janeiro de 2005, em Porto Alegre e recupera os movimentos da mão na metade do tempo de uma cirurgia normal. Duas novas cirurgias foram realizadas em Pernambuco. A primeira teve a finalidade de ajudar um estudante de 18 anos a recuperar os movimentos do braço direito afetados após o rompimento do nervo plexo braquial (próximo ao pescoço), num acidente de moto, meses atrás. A segunda, com o objetivo de ajudar um auxiliar de escritório, de 37 anos, a recuperar os movimentos e a sensibilidade da mão direita comprometidos depois de um acidente doméstico. Com a ruptura dos nervos, o envio de estímulos nervosos para o cérebro foi bloqueado. A técnica utilizada consistiu na extração de células-tronco da medula óssea do paciente, especialmente da bacia, que depois foram separadas em laboratório. Em seguida, com um tubo de silicone, os médicos ligaram as duas extremidades do nervo dividido. E injetaram as células-tronco nesse tubo. O objetivo é que as células-tronco, em contato com o nervo cortado, transformem-se em células nervosa e regenerem o nervo (Reis, 2005). Além de evitar a rejeição, os médicos consideram a técnica fácil e barata.

Corpos mutantes e capitalismo avançado

A atual valorização do corpo humano em toda parte e a multiplicação de técnicas e terapias, amplamente divulgadas e progressivamente acessivas para que cada um aperfeiçoe



e intensifique a boa forma, a beleza e o vigor físico e mental; as próteses eletromecânicas ou químicas, a engenharia de tecidos, a clonagem, etc; acompanham uma intensa exploração comercial. De um lado, indústrias, empresas, clínicas, laboratórios, profissionais de diversas áreas, publicidade e muita mídia não cessam de exaltar a mutabilidade corporal como característica primordial do sujeito na cibercultura. Dos cremes anti-rugas aos chips na retina, produtos, métodos e técnicas diversos circulam em velocidade sem precedentes, alimentam e abastecem um mercado sempre promissor. De outro lado, consumidores vorazes de novidades dispostos a investir e testar os produtos da hora, em busca da realização dos milagres sempre prometidos. O corpo se tornou o lugar ideal para todo tipo de experimento da biotecnologia, investimento da economia de mercado e o principal objeto de consumo no capitalismo avançado.

Vivemos uma época de importantes conquistas técnico-científicas – implantes, transplantes, órgãos artificiais, mapeamento genético, clonagem, produção industrial de kits de testes para diagnósticos, novos medicamentos, etc. – que permitem a sobrevivência de doentes que estariam condenados a morrer em pouco tempo e, principalmente, o aperfeiçoamento corporal de pessoas que desejam melhorar a aparência e a performance em geral. Estas conquistas, no entanto, são sempre acompanhadas de estratégias que consideram o corpo na sua materialidade, em fragmentos, como mercadorias que devem circular e abastecer um novo mercado consumidor. A compra e venda de órgãos, sangue, tecidos vários, gametas e embriões, não são próprios da nossa época, mas parece que nunca o uso do corpo humano como mercadoria foi tão intenso e evidente.

No passado, como enfatizam Berlinguer e Garrafa (1996, p. 16-17) conhecemos diversas formas de comércio do corpo humano: com a escravidão criou-se o direito de posse, aquisição e venda de indivíduos. Esse comércio assumiu formas diversas nas mais variadas partes do mundo; a prostituição adquiriu formas próprias em cada sociedade; o trabalho assalariado de certo modo se baseia num contrato de uso das capacidades físicas e mentais do corpo humano. Mas agora, com o desenvolvimento científico e tecnológico o velho problema é recolocado em termos totalmente novos. Nas últimas décadas houve a proliferação da fragmentação comercial do corpo humano, que alimenta um mercado



considerado legítimo, segundo códigos de ética e de acordo com a legislação, sempre frágil e pouco observada, dos países e, na maioria das vezes, movimenta milhões de dólares num mercado negro, onde o tráfico ilegal, os roubos e explorações variadas passam a fazer parte do cotidiano. Nesse contexto, as populações pobres servem de armazéns vivos para as populações ricas. Isso significa que os limites entre os usos e os abusos no hipermercado do corpo são sutis e imprecisos. As formas antigas de comercialização, de fato, não desapareceram. Elas foram reconfiguradas, desenvolveram novos mecanismos, foram adaptadas e agora, sob os discursos do encanto e do prazer em ter um corpo camaleônico, ganham novos destaques.

O corpo como objeto de consumo, nas culturas hedonistas e psicologistas, sobrevive da promoção do desenvolvimento pessoal, do bem-estar, da juventude eterna, em formas fúteis e frívolas. O princípio do self-service corporal dá as regras das hipermodernas formas físicas que precisam ser construídas e, pouco depois, desfeitas, em função de *designs* socialmente mais valorizados. A mercantilização do corpo ressalta o gosto pelo espetacular, pela inconstância, tudo que é oscilante, as formas passageiras. Não é de hoje que a sociedade de consumo se exhibe sob o signo do excesso, da profusão de mercadorias. Mas agora isso se exacerbou com os hipermercados/hiperlaboratórios onde não apenas os corpos ideais circulam, mas, sobretudo, seus fragmentos e próteses de toda ordem disponíveis para a remodelagem e a montagem física e mental consideradas mais apropriadas. Os intercâmbios corporais e comerciais se multiplicam e se aceleram.

Na era do capitalismo avançado e da mercantilização veloz do corpo é urgente remodelar a vida, gerar mutantes, programar o futuro genético. Vivemos sobre um presenteísmo onde as formas recém adquiridas são imediatamente superadas para dar lugar a outras que também não podem permanecer. É próprio do consumo o fato de que tudo deve ser rapidamente descartado, tudo no corpo, suas formas, seus fragmentos e próteses, naturais e artificiais, também precisam ser, incessantemente, substituídas. Nos tempos atuais existe uma febre de brevidades que faz com que tudo no corpo tenha um prazo de validade cada vez menor. Para que o corpo possa durar eternamente é preciso que não cesse



de ser reciclado e turbinado. As peças com prazos vencidos exigem a substituição voraz. Todas as peças e formas são provisórias, o que intensifica o seu aspecto comercial.

A exploração comercial do corpo é um novo modo de inserção no contexto da economia globalizada. Como escreve Sant`Anna (2001, p. 74):

[...] o Brasil vive uma época em que a matéria-prima do capitalismo não é apenas a força de trabalho, mas, também, as informações genéticas, os órgãos, a pele, em suma, tudo o que no corpo for considerado são. Por isso, justamente quando se fala tanto em globalização, é preciso saber de que maneira o patrimônio genético e os corpos dos brasileiros integram o mercado global; preocupações desse tipo não são somente de ordem econômica. E, mesmo se fosse, a economia está bastante interessada na realidade corporal, sobretudo em nossos dias [...] O interesse econômico que o corpo desperta deveria servir para esclarecer à sociedade quais são os grupos que ganham e quais são os que perdem com a transformação das diversas partes do humano em equivalentes gerais de riqueza.

No mercado, e sob as leis do mercado, os fragmentos intercambiáveis do corpo humano geram lucros exorbitantes e aceleram o utilitarismo biotecnológico. A ironia é que, neste contexto, o consumidor passa a ser ele mesmo vários produtos a venda. O consumidor é sempre, ao mesmo tempo, produto comprado e vendido. A vida passou a ser definida como mercadoria. As diversas formas de vida, seus corpos e fragmentos, podem ser patenteados e comercializados no mercado global. A industrialização do ser vivo, por meio dos procedimentos biotecnológicos, ganha espaços cada vez maiores entre nós. Encantos e riquezas para uns, espantos, exploração e pobreza, como sempre, para as maiorias.

Uma estética para corpos mutantes

O envelhecimento precoce das conquistas corporais promovidas pela tecnociência, a necessidade de renovações sistemáticas e a consciência de que o corpo que permanece é aquele que muda velozmente são fatores que contribuem para acelerar novos ideais de uma estética para esses mutantes. Essa estética hegemônica enfatiza que somente o corpo



revisado, corrigido e projetado pelas técnicas, comercializado no varejo, é digno de valor e celebração.

Com a informática, a robótica e a engenharia genética, tornou-se tarefa do culto ao corpo aperfeiçoar o material orgânico que a evolução natural legou a nossa espécie. De modo geral, os corpos já existentes são vistos como problemáticos, deficitários, imperfeitos e precisam ser dinamizados, potencializados, pela tecnociência. Mas existem outros objetivos, considerados mais nobres: projetar e produzir novos seres com fins explícitos e utilitários. Ao intervir diretamente nos códigos genéticos, realizar completa faxina, ou assepsia nos genes, afastando e eliminando qualquer característica considerada inadequada, os novos corpos seriam construídos livres de todo o mal. Agora as doenças passam a ser vistas e tratadas como erro no código, a herança genética deve ser relativizada e os riscos embrionariamente prevenidos e controlados e, se possível, eliminados. Só assim se pode garantir a perfeição, na sua forma mutante, na saúde minimamente monitorada e preventiva. Desse modo, o que se considera a atual inferioridade biológica, sempre reivindicando reparos, seria superada por meio de manipulações promovidas em nome da eficácia econômica e das performances físicas e mentais merecedoras de sucesso e admiração.

Com isto, as pessoas não aperfeiçoadas pelas próteses eletromecânicas, químicas ou genética são vistas como inferiores, obsoletas, subumanas. Até vão sobreviver por um certo tempo, mas como restos humanos, sempre depreciados e considerados feios, envelhecidos, doentes, inválidos, deficientes. Em contrapartida, os corpos na estética do *upgrade* tecnológico transcenderão os limites biológicos. Assistidos e excitados pelas próteses teleinformáticas e biotecnológicas são corpos sintonizados, ligados, flexíveis, adaptáveis, intercambiáveis. Esses são os corpos dos superhumanos: válidos, eficientes, saudáveis, ativos, performáticos, exuberantes, sempre jovens, rígidos, dinâmicos e belos.

Equipar o corpo, construir a eficiência. O novo ideal de que a carne deve ser remodela, mescladas com próteses, naturais e artificiais, acentua as funções úteis da biotecnologia: elaborar, dinamizar e alimentar os corpos mutantes. Ao mercado do corpo, incentivado pela publicidade, cabe o pavoneamento dos cânones efêmeros em festejos



cotidianos. Sob a lógica do consumo, são deflagrados novos hábitos e comportamentos, onde cada um passa a ser responsável pelo gerenciamento da aparência e dinâmica física e mental, comprometido com fluxos, velocidades e imediatismos, visando resultados praticamente instantâneos. Sob o peso dessa responsabilidade cada um passa a ser avaliado, exaltado, julgado, acusado e, às vezes, condenado, pelo corpo e pela saúde que têm. O que é dito é que cada um pode ter o corpo que deseja, escolher e fabricar a versão corporal mais adequada para cada atividade que pretende desenvolver. Mas nessa estética hegemônica do corpo mutante não existe espaço para preguiça, acomodação e pouco caso. É preciso ter pressa.

Assim, as pessoas inseridas nessas modalidades últimas de culto ao corpo, comprometidas com as transformações e remodelagens, são socialmente aceitas, integradas e aclamadas como exemplos a serem copiados. De outro lado, as pouco comprometidas, não fortemente estimuladas e estressadas com as obrigações crescentes das mudanças são socialmente excluídas, menosprezadas, consideradas irresponsáveis e culpadas pelos seus supostos defeitos e deficiências corporais. Em suma, o que é dito é que agora tudo depende de uma escolha. As escolhas supostamente corretas constroem eficiências, as inadequadas constroem as deficiências. Entretanto, são muitas as possibilidades para transformar deficiências e eficiências. Uma vez que tudo no corpo pode ser aperfeiçoado, o verdadeiro defeito não está numa determinada forma já superada e pronta para reciclagens, mas numa mentalidade lenta e obsoleta que equivocadamente insiste em resistir aos ideais obrigatórios das mutações e que precisa, a todo custo, ser vencida.

Essa estética para corpos mutantes ressalta que os velhos determinismos podem ser transformados em determinação livre. Prega uma forma de democracia corporal baseada nas experimentações e modificações promotoras da felicidade. Redesenhar-se segundo a ordem do desejo individual e adotar as tecnologias mais modernas, para definir e promover o corpo amado, passam a ser objetivos que resultam na interação do sujeito com seu meio tecnológico. A questão não se resume a substituir um padrão corporal por outro, mas se colocar entre, em continuo movimento, experimentar possibilidades, ser de fato mutante e mutável e, como tal, efetuar grandezas afirmativas.



Referências bibliográficas

BERLINGUER, Giovanni e GARRAFA, Volnei. **O mercado humano. Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo.** Brasília, UNB, 1996.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-Satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica.** Ijuí, Unijui, 2000.

_____. O zumbido do híbrido. A filosofia ciborgue do corpo. In **Margem.** São Paulo, Educ, n. 13, p. 85-99, jun de 2001.

_____. Corpos interditados. Notas sobre anatomias depreciadas. In STREY, Marlene e CABEDA, Sônia e STREY, Marlene (Orgs.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar.** Porto Alegre, Edipucrs, 2004.

REIS, Thiago. PE faz 2 cirurgias com uso de células-tronco. In **Jornal Folha de S. Paulo,** 22 de abril de 2005, C3.

SANT'ANNA, Denise. **Corpos de passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo, Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

WARWICK, Kevin. **Projeto Ciborgue.** In <http://www.kevinwarwick.com>, acessado em 22/04/2005.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor.** São. Paulo, Estação Liberdade, 1996.

_____. **A velocidade de libertação.** Lisboa, Relógio D'Água, 2000.

Edvaldo Souza Couto – Mestre em Filosofia (PUC-SP) e Doutor em Educação (UNICAMP). É professor de Estética, no Departamento de Filosofia na Universidade Federal da Bahia – UFBA. É, também, professor-pesquisador vinculado aos programas de pós-graduação em Filosofia e em Educação, na mesma universidade. É autor dos livros *O homem-satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica* (Unijui) e



Transexual. O corpo em mutação (GGB). Tem vários trabalhos publicados em livros coletivos e revistas especializadas em Filosofia, Educação e Comunicação, relacionados à temática Estética Corporal e Novas Tecnologias. Email: edvaldo@ufba.br

